

A ESCRITA NA INTERNET: BENEFÍCIOS E MALEFÍCIOS

Sânia Lucio dos Reis Rodrigues (FAFIA)

sania_lucio@hotmail.com

Marcelo da Silva Sá (UFF)

marcelosmandu@hotmail.com

Maria Francisca Moreira Sobreira (FAFIA)

mariafrancisca58@yahoo.com.br

Camila Pereira de Oliveira (FAFIA)

RESUMO

O estudo baseia-se na linguagem utilizada nos ambientes digitais. *E-mails, facebook, whatsapp*, sites de relacionamento na internet assim como os “internetês”. Para maior compreensão, inicia-se com definições sobre a norma padrão, que é designada como conjunto de variedades linguísticas, utilizada no cotidiano de pessoas cultas. Essa pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Professora Célia Teixeira do Carmo”, para obtenção de dados sobre os benefícios e malefícios que a linguagem na internet pode causar na escrita da norma padrão em sala de aula. A pesquisa embasou-se em autores na área de língua portuguesa e linguística: Bakhtin, Quintela, Bagno, Faraco, dentre outros. Entende-se que as variantes linguísticas são caracterizadas pela facilidade e agilidade na escrita utilizada no meio digital, e detectamos que os alunos tem consciência do devido momento de utilizar essa variante, ressaltando que o ambiente de sala de aula não possui tais características.

Palavras-chave: Norma padrão. Internetês. Linguagem.

1. Introdução

Este estudo analisa as novas formas comunicativas utilizadas na internet. Estamos na era da informação, uma verdadeira revolução tem permitido às novas sociedades, variadas e inovadoras maneiras de se comunicar, e o grande aliado dessa revolução é o computador. Sabemos que em nossos dias é cada vez mais crescente a utilização da internet, essa por sua vez cria meios cada vez mais rápidos para se comunicar. Dessa forma, muitas vezes, as abreviações se tornam comuns nesse mundo virtual, porém isso pode torna-se um problema se os alunos utilizarem essa linguagem na sala de aula. É extremamente importante que os alunos saibam utilizar a norma padrão e não cometam deslizes nos momentos impróprios. No estudo a seguir, foi analisada a escrita dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Profª. Célia Teixeira do Carmo”, para obtenção de dados sobre os benefícios e malefícios que a linguagem usada na internet pode causar na escrita da norma padrão uti-

lizada na sala do terceiro ano do ensino médio do turno vespertino. Dessa forma, neste projeto, foi proposto conhecer a realidade da escrita dos alunos em sala de aula, e analisar se os mesmos comprometem sua escrita de norma padrão com a linguagem utilizada na internet.

2. Desenvolvimento

2.1. A língua e o uso da norma padrão

Segundo Marques (2010), a norma culta é uma expressão empregada pelos linguistas brasileiros para designar o conjunto de variedades linguísticas, efetivamente faladas, na vida cotidiana, pelos falantes cultos, sendo assim classificados, os cidadãos nascidos e criados em zona urbana e com grau de instrução superior completo. Para ele, norma gramatical é aquela relacionada à gramática normativa: só o que está de acordo com ela está correto. Porém ela incorpora várias regras que não são usadas cotidianamente. E ressalta que a norma padrão, por sua vez está vinculada a uma língua modelo. Segue prescrições representadas na gramática, mas é marcada pela língua produzida em certo momento da história e em uma determinada sociedade. Afirma que, como a língua está em constante mudança diferentes formas de linguagem que hoje não são consideradas pela norma padrão, com o tempo, podem vir a se legitimar. Por fim, a norma culta é a que resulta da prática da língua em um meio social considerado culto e completo tomando-se como base para pessoas de nível superior completo e moradores de centros urbanos.

De acordo com Piacentine (2010), para os linguistas a língua padrão se estriba nas normas e convenções agregadas num corpo chamado de gramática tradicional e que tem a pretensão de servir de modelo de correção para toda e qualquer forma de expressão linguística. De acordo com Faraco (2002, p. 40).

A cultura escrita associada ao poder social desencadeou também ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança.

De acordo com Bagno (2005), chamar a língua dos falantes plenamente escolarizados de norma culta é tão problemático quanto usar esse rótulo para designar aquele ideal de língua abstrato inspirado na literatura do passado. Segundo o autor, a norma padrão fica lá do alto da estratosfera; na verdade ela exerce uma influência simbólica muito forte sobre o imaginário de todos os brasileiros, mas é uma influência que vai dimi-

nuindo progressivamente, quanto mais a gente se afasta das camadas sociais privilegiadas. A norma padrão está estreitamente ligada à escola, ao ensino formal, e como no Brasil o acesso à educação é mais um elemento que contribui para nossa triste posição de campeões da desigualdade social, é fácil imaginar que a norma padrão tradicional tem poder de influência praticamente nulo sobre os falantes das variedades mais estigmatizadas. Segundo o autor, assim mais uma vez somos obrigados a reconhecer o caráter exotérico da norma padrão: só se aproxima dela (mas nem por isso a usam integralmente), os brasileiros que conseguiram passar pelo funil da educação formal e conseguiram percorrer até o fim todo trajeto de sua formação escolar.

Bagno (2003) afirma que não estamos dizendo que as pessoas não têm direito a aprender a norma padrão ou que não precisam aprender a escrever segundo as convenções de seu tempo. Este é um direito de todos. Ensinar a norma padrão e ensinar a escrever de forma eficiente é um dever do Estado. O autor afirma que a necessidade de ensinar a norma padrão na escola – ensinar no sentido mais óbvio do termo: levar alguém a dominar algo que não lhe é conhecido – se prende também ao fato muito evidente de que as regras gramaticais padronizadas, presentes na literatura “clássica” só podem, em sua maioria, ser aprendidas na escola. Assim, o conhecimento e o eventual emprego dessas formas padronizadas dependem exclusivamente da escola, porque ela só sobrevive hoje na língua escrita, mais monitorada como a prática da leitura inexistente nos meios familiares da maioria da nossa população, é na escola que ela deverá ser praticada como uma das atividades principais do processo de educação linguística, ao lado de outras atividades igualmente importantes.

De acordo com Faraco (2008), o conceito de norma, nos estudos linguísticos, surgiu da necessidade de formar um nível teórico capaz de captar, pelo menos em parte, a heterogeneidade constitutiva da língua. O autor (2008), com os estudos científicos da linguagem verbal tem mostrado que nenhuma língua é uma realidade unitária e homogênea. Só é, de fato, nas representações imaginárias de uma cultura e nas concepções políticas de uma sociedade. Quando, portanto dizemos português, este nome não designa um objeto empírico uno, homogêneo, claramente delimitável e objetivamente definível por critérios apenas linguísticos.

O autor (2008) afirma que a linguística propriamente dita, a ciência que recortou como objeto a língua em si, a língua em sua imanência, em sua realidade estrutural desvinculada, em princípio de suas condições

externas, a suposição de que, por trás de toda a variação constitutiva de uma língua, existe uma unidade de sistema (suposição nunca, porém efetivamente demonstrada). Faraco (2008) ressalta que dessa identificação da língua com a norma-padrão decorre a dificuldade da linguística e dos linguísticos em acomodar em seus modelos teóricos a heterogeneidade empírica que caracteriza qualquer realidade linguística. De acordo com ele, é possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais), que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma, nesse sentido, se identifica com normalidade, ou seja, usual habitual, recorrente (normal) numa certa comunidade de fala. É importante deixar claro que a ideia de norma, embora nascida no interior do arcabouço teórico estruturalista de inspiração saussuriana, não perde sua vitalidade quando transporta para outros quadros teóricos. Qualquer modelo teórico da linguagem verbal tem, inexoravelmente, de se posicionar frente à variabilidades que constituem uma língua. Assim, se adotarmos um olhar gerativista, diremos que a cada norma corresponde uma gramática.

Ainda de acordo com Faraco (2008), antes de qualquer coisa, é preciso dizer que não é simples conceituar e identificar no Brasil, a norma a que se dá o qualificativo de culta. Para facilitar, pode ser útil tomar como ponto de partida uma breve fotografia de pelo menos parte das variedades que constituem a língua portuguesa no nosso país. O autor afirma que um detalhe importante que não podemos perder de vista é que a qualificação culta dada à determinada norma foi apenas parte de um processo mais geral. No desdobramento dos estudos linguísticos, foi preciso qualificar o termo norma, agregando a ele diferentes adjetivos tais como regional, popular, rural, informal, juvenil, culta etc. Essa qualificação do termo decorreu da necessidade de se distinguir com mais precisão os diversos modos sociais de falar e escrever a língua, buscando dar adequado acolhimento à heterogeneidade linguística e à correlação das normas com seus diferentes condicionantes sociais. O reconhecimento da diversidade contribuiu também para refinar a percepção de que, do ponto de vista exclusivamente linguístico, variam os diferentes modos sociais de falar e escrever a língua. Cada grupo de falantes realiza a língua por normas diferentes, mas nenhum deixa de ter suas normas. Outra percepção importante desse processo de qualificação das normas foi a de que existe uma hierarquização social delas. Isto é, embora não haja critérios linguísticos capazes de sustentar, uma diferenciação ocorre e é feita por determinados segmentos da sociedade tomando por base valores socioculturais e políti-

cos. Segundo O autor afirma que há na designação norma culta um emaranhado de pressupostos e atitudes nem sempre claramente discerníveis. Ainda, de acordo com o autor (2008) o qualificativo culto, por exemplo, tomado em sentido absoluto, pode sugerir que esta norma se opõe as normas incultas, que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura. Tal perspectiva está muitas vezes, presente no universo conceitual e filosófico ou moral dos falantes da norma culta, como fica evidenciado pelos julgamentos que costumam fazer dos falantes de outras normas dizendo que estes não sabem falar. Bagno (2003, p. 95) afirma que

O domínio da língua-padrão terá naturalmente um valor mais alto se ele permitir à pessoa ingressar no concílio dos poderosos. Do contrário, o estímulo para aprendê-la, exceto talvez passivamente, pode ser muito baixo. Se o status social for fixado por outros critérios, é compreensível que transcorram séculos sem que uma população a adote.

Segundo Bagno (2003) não há grupo humano sem cultura como bem demonstram os estudos, por isso é preciso trabalhar criticamente o sentido do qualificativo culto, apontando seu efetivo limite. Assim, a expressão norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística praticada; em determinadas situações, aquelas que envolvem mais atenção. Com tudo isso, a norma-padrão, que nunca conseguiu transpor os limites de uma restrita parcela da elite intelectual mais conservadora no tocante a língua, vê seu uso cada vez mais reduzido e limitado a manifestações sociais extremamente formalizadas. A norma culta não deriva de nada intrínseco ao português. Não há formas ou construções intrinsecamente erradas ou certas, assim o certo ou errado deriva apenas de um meio social.

2.2. O uso cada vez mais frequente da internet

Segundo Coscarelli (2003), a tecnologia, sobretudo a informática é importante nos dias de hoje. Porém, todo mundo está querendo saber, no entanto, o que fazer com essa tecnologia na escola, já que os alunos cada vez mais jovens estão embarcando nesse mundo virtual. Segundo Souza (2010), estamos vivendo na “Era da informática”, não se pode negar que o computador ainda cause impacto a uma parte da população, porém tal tecnologia tem ocupado cada vez mais espaço na vida das pessoas. De acordo com silva (2010), nas últimas duas décadas, tem-se presenciado o que várias pessoas chamam de “a última revolução do milênio”. Só na América Latina, já são mais de dez milhões de usuários e, no mundo inteiro, esse número já passa de trezentos milhões. Segundo Pó-

voa (2010) o atual avanço e a disseminação das tecnologias de informação e comunicação vem criando novas formas de convivência, novos textos, novas leituras, novas escritas e, sobretudo, novas maneiras de interagir no espaço cibernético. Silva (2010), afirma que a internet vem agindo como um mecanismo tão poderoso de comunicação, que seria impossível pensar que as línguas naturais não sofreriam algum tipo de influência e transformação. Quintela (acesso em 15 out. 2010) ressalta:

Em primeiro lugar, a língua utilizada pelos internautas, salvo algumas exceções, não teria uma utilidade prática no mundo real. A abreviação de certas palavras, talvez seja adotada futuramente em virtude da evolução da língua escrita e da constante busca de agilidade no processo de comunicação pela língua escrita. Quanto ao uso das expressões típicas do mundo virtual, creio que elas devam ficar restritas ao ambiente de ciberespaço... A língua é uma instituição viva, presente no cotidiano de cada um. Ela está em constante transformação. A língua não se deteriora não se degenera. Ela se transforma adquirindo novos elementos e põem em desuso outros.

Silva (2010) ressalta que a linguagem utilizada pelo internauta é determinada pelas características da linguagem oral, pois o ambiente em que o internauta se encontra possui tais características. Segundo Uonderias (2009), a internet possibilita o fluxo rápido e conteúdo de informação. Ao mesmo tempo em que uma informação pode viajar o mundo inteiro e ir ao encontro de um grande número de outros destinos. Para facilitar, simplificar e agilizar a comunicação foi necessário o uso de uma linguagem que se adequasse as necessidades da internet. Ele afirma que os jovens passam cada vez mais horas nesse mundo virtual e querem formas mais rápidas para se comunicar. Assim, surgiu a “internetês”, que é uma linguagem usada no ambiente da internet, misturando a fala com a escrita. Porém Bakhtin (2010) esclarece que as pessoas acham que a escrita e fala são a mesma coisa, que a escrita é uma transição da fala ou que a fala é uma oralização da escrita. Não é verdade. Falar é diferente de escrever. A escrita e a fala são modalidades distantes da linguagem, pois constroem sentido de diversos modos. Freitas (2010) ressalta dois principais motivos que reafirmam o uso de abreviações de palavras na internet. Segundo o autor o primeiro seria a facilidade de se escrever de modo simplificado, e o segundo, a pressa. O autor afirma que muitas são as razões que incentivam essa prática, porém destaca-se a economia (mandar uma mensagem maior pelo celular pode custar mais), e o desejo de se reproduzir virtualmente o ritmo de uma conversa oral. O autor ainda ressalta que o internauta pode adaptar-se a uma escrita de uma determinada comunidade e até enquadrar-se nesse mundo. Bueno (2010) ressalta que há diversas fontes na internet, como sites específicos e, o próprio MSN,

onde usuários dessa linguagem podem copiar símbolos ou *emoticons* para depois utilizá-lo em mensagens.

Freitas (2010) reafirma que a linguagem utilizada na web segue padrões da fala. Ela substitui uma conversa ou um bate-papo, é como se o interlocutor estivesse presente em tempo real, apesar da distância.

Segundo Silva (2008), a informática vem adquirindo cada vez mais relevância no cenário educacional. Sua utilização como instrumento de aprendizagem e sua ação no meio social vem aumentando de forma rápida entre nós. Nesse sentido, a educação vem passando por mudanças estruturais e funcionais frente a essa nova tecnologia.

Como citado anteriormente, cada vez mais jovens os alunos estão embarcando nesse mundo virtual e se deparando com inúmeras abreviações. Segundo Freitas (2010), os interlocutores sabem que na escola não podem escrever da mesma forma que na Internet. Essa linguagem é um gênero novo que os usuários passaram a utilizar, porém todos sabem que esse discurso é algo diferente do que está no livro ou em que qualquer outro lugar. A melhor forma para ensinar é aquela em que o aluno aprende. E cada professor, deve ser conhecedor de seus alunos, deve buscar compreender, as necessidades educacionais, sendo sensível a diferenças. Freitas (acesso em 16 set.2010) ressalta que:

O professor precisa deixar claro para o aluno que o erro não está nas abreviações utilizadas no Messenger, mas sim, na utilização imprópria desta forma de expressar. A partir desse tipo de abordagem, é importante que os educadores entendam como e quando usar essas formas de expressão.

Segundo Mendes (2010), a inclusão de recursos digitais em sala de aula, aumenta o entrosamento e a comunicação entre os estudantes e professores. Dessa forma, podem-se desenvolver projetos que envolvam blogs e aulas interativas, onde poderá incentivar a participação de alunos. Segundo o autor os alunos praticamente já nascem sabendo usar computadores, e nada mais natural e importante do que os professores passarem a usar recursos digitais para melhorar o aproveitamento da disciplina.

2.3. A opinião de alguns autores sobre as abreviações utilizadas na internet

Segundo Fasciani (1998), nenhum instrumento ou tecnologia inventada pelo homem pode ser intrinsecamente positivo ou negativo, certo ou errado, útil ou perigoso. É só a utilização que dele se faz, que pode ser

julgada com regras éticas. Segundo Levy (1996) a informática é a última até a data dessas invenções que tem ritmado o desenvolvimento da espécie humana, reorganizando sua cultura e abrindo-lhe uma nova temporalidade.

3. Uma visão positiva da escrita na internet

A tecnologia está mudando a forma que vivemos, comunicamos e aprendemos. Segundo Barca (2010), o homem sempre buscou meios cada vez mais eficientes e conseqüentemente mais rápidos para se comunicar, podemos comprovar tal fato quando recordamos que anos atrás as pessoas demoravam longos dias para a entrega de seus telegramas e hoje já temos as mensagens instantâneas. Muitas são as vantagens desse mundo virtual: grande disponibilização de informações, facilitando a criação e a distribuição de conteúdos e a diversidades de temas. Barca (2010) ainda ressalta que inúmeras pessoas dedicam horas diárias em diálogos com pessoas conectadas em qualquer lugar do mundo. Marconato (2010) define “internetês” como um neologismo que designa a linguagem utilizada no meio virtual em que as palavras foram abreviadas até o ponto de se transformarem em uma única expressão. Pereira & Mauro (acesso em 14 out. 2010) completam:

Os internautas utilizam também teclas como: parênteses, os dois pontos, o ponto, a vírgula, os colchetes, o zero, os sinais de maior e menor, etc, que conjugados formam expressões de alegria, tristeza, abraços, beijos, sonos, entre outras, são utilizados pelos interlocutores, com o objetivo de representar durante a dinâmica do diálogo que se travam, as manifestações discursivas que ocorrem normalmente numa situação de conversa oral, face a face.

A questão que se propõem é que até que ponto tais abreviações podem ser positivas para adolescentes? Afinal a internet tornou-se imprescindível para a leitura e para a escrita. BAGNO (acesso em 14 out.2010), ressalta:

Para as ciências da linguagem não existe erro na língua, se a língua é entendida como um sistema de sons e significados que se organizam sintaticamente para permitir a interação humana, toda e qualquer manifestação linguística, cumpre essa função plenamente. A noção de erro se prende a fenômenos sociais e culturais que não estão incluídos no campo de interesse da linguística.

Segundo Domingues (2009), a linguagem virtual não influencia de forma negativa a aprendizagem da norma culta, porque a aprendizagem de uma não se dá necessariamente em detrimento da outra. O autor

ressalta que a tecnologia da informação expande a capacidade humana de armazenamento de dados, contudo requer o desenvolvimento de habilidades para recuperação, articulação e uso desses dados. A questão que se propõem a discutir é que se os alunos saberão utilizar essa escrita no momento oportuno.

Segundo Bagno (2006), tais abreviações se encontram em um cenário perfeitamente compreensível. Elas tentam ganhar tempo e chegam a se aproximar do tempo da real da fala.

De acordo com Storto (2007), vive-se na atualidade um complexo desafio: o homem deve ser constantemente rápido. A sociedade exige, portanto, uma comunicação veloz e eficiente que permita manter o acelerado processo de comunicação e deixar a compreensão de lado. Desse modo as pessoas, cada vez mais, utilizam a tecnologia em busca de seus benefícios, com uma capacidade comunicativa célere que permita o uso de inúmeros artifícios na escrita, como: as abreviaturas, a falta de pontuação e de acentuação, a aglutinação ou eliminação de sílabas ou uso de símbolos e imagens.

A gramática tem um papel muito importante na escola, pois essa encaminhará o aluno para compreender em que cenário tais abreviações é permitida. Segundo Bagno (2006), o professor de português tem que mostrar que a língua não é neutra, mas sim lugar de conflito. Os alunos precisam saber que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeito a avaliação social, positiva ou negativa. Segundo o autor nunca se escreveu tanto como nesses tempos. Nas palavras do autor: os pequenos “burgueses” tinham internet e celulares, mas não dominavam a língua escrita. E por isso criaram a linguagem deles, nada espantoso. Também os habitantes de periferia não dominavam a norma culta da língua e criaram suas gírias usadas devidamente nas circunstâncias de cada grupo de usuários.

Para Lucena (2010), é extremamente positivo o uso que os jovens fazem da internet e dessa linguagem tão peculiar, por dois motivos: primeiro por ver adolescentes escrevendo e segundo para que eles escrevam abreviados eles precisam saber pelo menos o básico da língua portuguesa.

Lajoto (2010), completa dizendo que a linguagem utilizada nesses se apresenta com uma criatividade muito grande. Nas palavras da autora “uma das grandes coisas que o ser humano sempre fez, e faz cada vez melhor é aumentar e inventar linguagens, decifrar linguagens e esse “in-

ternetês” é muito criativo.”

Domingues (acesso em 14 out.2010) ressalta:

Um usuário autônomo da linguagem precisa justamente dominar seus diferentes usos para poder transmitir-nos diferentes contextos comunicativos. Se você escreve de forma rebuscada nessas salas de bate papos, não estará fazendo um bom uso da linguagem já que o meio impõe um ritmo próprio. Da mesma forma se usar essa linguagem, por exemplo, na produção de um documento seu uso estará inadequado. Lembrando a prática antiga do telegrama. Por acaso aconteceu algo com o português? Além disso, para a educadora é preciso lembrar que a linguagem também uma forma de identidade e usá-la significa para o jovem, sua inserção no grupo de adolescente do mundo atual.

Soares (1991) sugere ser um fenômeno interessante o que ocorre com as novas variantes linguísticas que vem sendo criadas na web, por força de novos gêneros que nela vem surgindo.

4. *Uma visão negativa da escrita na internet*

A grande evolução trazida pela introdução do computador e também pela criação da internet causou uma revolução na educação da internet, e na educação das pessoas. Segundo Fasciani (1998), pela primeira vez em nossa humanidade já tão velhinha, as pessoas estão se conhecendo primeiramente pelas palavras escritas. Muitas vezes, utilizar a internet como complemento ou recurso para auxiliar no seu aprendizado e pesquisa é excelente, porém muitas dessas facilidades proporcionam armadilhas que são oriundas da própria presença da tecnologia. Segundo Alberaria (acesso em 07 abr.2010)

Diz que da tábua de argila, passando pelo papel, ao suporte da virtualização, onde hoje, nos expressamos, o sistema de símbolos gráficos a que damos o nome de escrita reconheceu revoluções que alteraram profundamente a maneira como produzimos e trocamos informações, sentimentos e ideias.

Segundo Fasciani (1998), a evolução da escrita trouxe consigo seus benefícios mas também algumas preocupações, principalmente em se tratando de formação de adolescentes, pois esse está em fase de amadurecimento pessoal, construindo valores que farão parte de sua personalidade.

Barreto (2010), ressalta que alguns autores dizem que a internet está desviando os alunos da leitura e da escrita. A autora afirma que nas comunidades em que não há o hábito de leitura, o entretenimento que a internet oferece prejudica o desempenho do ensino-aprendizado na escri-

ta, pois muitas vezes nas pesquisas esses alunos só copiam e não leem.

Crystal (2005), afirma que os erros ortográficos encontrados no mundo virtual são encarados de forma diferente. Os erros de ortografia em um e-mail são interpretados não como uma indicação de falta de escolaridade (embora possa ser), mas como uma consequência da imprecisão ao digitar. Fiorin (2010), afirma que na internet os usuários não se incomodam em escrever bem e suas agressões à língua ameaçam-na de descaracterização e acabarão por levá-la a decadência. Outro ponto é a questão do inglês, pois este terá um domínio tão avassalador na internet que o português acabará desaparecendo.

Marcuschi (2010), alerta que a ideia de haver uma fala por escrito deve ser vista com muita cautela, pois há um hibridismo mais acentuado, nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas. Segundo Freitas (2005, p. 13)

A maioria das características do pensamento e da expressão fundadas no oral é relacionada com a interiorização do som. As palavras pronunciadas são ouvidas e internalizadas. Com a escrita, precisa-se de outro sentido: a visão. As palavras não são mais ouvidas, mas vistas; entretanto, o que se vê não são as palavras reais; o som se reduz ao registro escrito.

Muitos são os malefícios citados por alguns autores e visto muitas vezes em toda sociedade, dentre eles podem ser citados: a possibilidade de difusão de crimes e a ocultação dos atos cometidos; muitas vezes as pessoas perdem a disposição para realizar sua rotina normal; há a difusão da pornografia, do racismo e outros crimes, expondo jovens e crianças, e pode promover o empobrecimento do vocabulário e a escrita dos jovens. Teixeira (acesso em 10 out.2010) afirma que:

Na atualidade os idiomas nacionais sofrem todo tipo de pressão desestabilizadora porque a globalização e a revolução tecnológica da internet estão dando origem a um novo mundo linguístico. Entre os fenômenos desse novo mundo estão as subversões da ortografia presentes nos blogs e nas trocas de e-mails e aumento da extensão do idioma. Em termos de internet, as línguas, por natureza refratárias e arranjos de gabinete e legislação imposta de cima para baixo podem comporta-se como potros indomáveis. Quem vai ligar para as novas regras do uso do hífen quando mantém longas e satisfatórias conversações na internet usando apenas interjunções e símbolos gráficos como os consagrados “emoticons”.

Segundo Othero (2004), a internet com seus ambientes virtuais pode vir a ser uma vilã, para o aumento do analfabetismo, já que algumas vezes nos ambientes virtuais, os diálogos são de certa forma desconhecidos.

5. Resultado e discussões

Este projeto foi destinado a observação do uso de abreviações que são utilizadas na internet. Sabemos que em nossa realidade existe um crescente desenvolvimento tecnológico que está em constante equilíbrio com o mundo juvenil. No questionário que foi aplicado a adolescentes que estão concluindo o terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Profª Célia Teixeira do Carmo.”, do turno vespertino, sobre questões ligadas ao frequente uso da internet e consequentemente de suas abreviações obteve-se o seguinte resultado: Responderam ao questionário 13 alunos e de acordo com a pesquisa, podemos chegar a uma conclusão sobre a rotina ligada a internet de tais alunos. Desses 13 adolescentes aproximadamente 70% são alunos que se encontram na faixa etária de 15 a 18 anos, 23% entre 18 a 21 anos e 7% têm acima de 21 anos, conclui-se dessa forma que a maior parte da sala encontra-se na idade média para se concluir o Ensino médio. Foi averiguado também em que ano tais alunos finalizaram o ensino fundamental, dessa forma pode-se concluir que de acordo com o questionário aplicado que 70% da turma concluíram no ano de 2008, e que os outros 30% concluíram posteriormente, em outros anos que não foram citados. Dessa forma, pode-se observar que 70% da turma não pararam seus estudos e saiu do ensino fundamental direto para o ensino médio. Os adolescentes foram questionados também sobre o material de pesquisa que utilizaram quando faziam o ensino fundamental e pode-se concluir que aproximadamente 62% utilizaram livros enquanto 38% já faziam uso da internet. Outro ponto relevante é a realidade atual, onde 70% da sala utilizam a internet diariamente. Quanto a horas 23% ficam em torno de 1 hora, 38% ficam de 1 a 3 horas, e 38% ficam acima de 5 horas, nessa questão a turma mostrou-se bem dividida. De acordo com o questionário a maior parte do tempo 47% dos alunos ficam em Orkut e 23% em site de pesquisa, enquanto o restante da turma se divide em outros sites. Quanto à abreviação 100% da turma, concordou que a utilizam na internet. Quanto à sala de aula, a sala dividiu-se novamente: 23% disseram que sim, 38% disseram que não, e ainda 38% confessaram que às vezes. Quanto ao professor observar tais abreviações nas tarefas 100% da sala disse que não comete tamanho deslize, 100% da turma analisaram que essa abreviação não trará nenhum malefício em um futuro vestibular e 100% ainda disse que essa abreviação acarretará benefícios para seu futuro estudantil. Tal questionário, aplicado em sala de aula, de acordo com a realidade da do terceiro ano do ensino médio, mostrou que usando-se as abreviações com cautela não vêem problema na utilização da norma padrão.

6. Considerações finais

O neologismo ou a linguagem “internetês” sempre estará relacionado ao fato de que ele não é aceito em todos os lugares, ou seja, não se encaixa em determinados momentos sociais. Tal fato é explicado quando ressaltamos o valor da norma padrão: a famosa língua do prestígio, que acaba causando algumas desigualdades sociais, eis um relevante motivo para o “internetês” não ser utilizado em todos os lugares. Cabe ao falante dessa forma estar atento para saber utilizar cada variante, nos momentos mais oportunos. O “internetês” está presente em todos os lugares inclusive em todas as classes sociais, dessa forma a Escola não ficará de fora, e precisa se adaptar ao diferentes tipos de linguagens utilizadas. Observamos também que apesar dos jovens muitas vezes terem consciência dos momentos que tais abreviações ocorrem, podem acontecer alguns deslizamentos. Dessa forma tal variante não poderá ser vista de forma generalizada, ou seja. Bom e ruim, pois quem determinará tal escolha é o uso que cada falante fará dessa variante tão inovado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERGARIA, Danilo. A internet e a cultura escrita. *ComCiência*, n. 113. Campinas, 2009. Disponível em: <<http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n113/a05n113.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2010.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: ciência e senso comum na educação em língua materna. *Revista Presença Pedagógica*, 09-2006. Disponível em: <http://relin.letras.ufmg.br/shlee/Bagno_2006.pdf>. Acesso em: 14-10-2010.

_____. *A norma culta: língua e poder na sociedade brasileira*. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2003. [3. ed. 2005]

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Edição eletrônica. São Paulo, 2010.

BARRETO, Evanice Ramos Lima. *A influência da internet no processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita*. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/8269>>. Acesso em: 15-10-2010.

BUENO, Érika. *A postura do professor diante da linguagem da internet*. Disponível em:

<<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1895>>

Acesso em: 24-10-2014.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem tradicional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DOMINGUES, Maria Ivone. *Linguagem cibernética*. Você sabe o que é isso? Disponível em:

<<http://fsemeada.blogspot.com.br/2009/07/linguagem-cibernetica-voce-sabe-o-que-e.html>>. Acesso em: 24-11-2014.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira, desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Norma padrão brasileira. In: BAGNO, Marcos. (Org). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

FASCIANI, Roberto. *Adolescência inventada: a média como representação*. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2029-8.pdf>>. Acesso em: 24-10-2014.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *Linguagem de internet e celular*. Disponível em:

<<http://www.veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas-respostas/linguagem.internet-celular.idioma-escrita-abreviada.jovens-adolescentes-html>>. Acesso em: 24-10-2014.

_____; COSTA, Sergio Roberto (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____; _____. *As práticas de leitura e de escrita na internet*. Disponível em: <<http://www.cienciasecognição.org/pdf/u07/m31673pdf.com>>. Acesso em: 10-05-2010.

FIORIN, José Luiz. *A internet vai acabar com a língua portuguesa?* Disponível em:

<<http://www.letras.ufing.br/arquivos/matte/servidoso/Fiorin.pdf.com>>
Acesso em: 16-09-2010.

LAJOLO, Mariza. *Linguagem de internet*. Disponível em:

<<http://www.seed.pr.gov.br/portals/roteiro pedagogico/publicação/4015-linguagem-de-internet1pdf.com>>. Acesso em: 16-10-2010.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LUCENA, Rodolfo. *Linguagem de internet*. Disponível em:
<<http://www.seed.pr.gov.br/portals/roteiro pedagogico/publicação/4015-linguagem-de-internet1pdf.com>>. Acesso em: 25-10-2010.

MARCONATO, Silvea. *Internetês*. Disponível em:
<<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/internet%c3%aas.com>>. Acesso em: 13-09-2010.

MARCUSCHI, Luis Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs). *Hiper textos e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARQUES, Rafael. *Normas e conjunto de regras que garantem a unidade do dialeto, limitando a variação e a evolução linguística na comunidade*. Disponível em:
<<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/dialeto#normaenormapadiao.com>>. Acesso em: 02-04-2010.

MENDES, Lina Maria Braga. *O uso dos meios digitais na educação pode melhorar o aprendizado*. Disponível em:
<<http://www.rts.org.br/noticias/destaque-2/usodemeiosdigitaisnaeducacaopodemelhoraraprendizagem.com>>. Acesso em: 16-09-2010.

OTHERO, Gabriel de Ávila. *A língua portuguesa nas salas de bate-papo: uma visão linguística de nosso idioma na era digital*. Novo Hamburgo: Otero, 2004.

PEREIRA, Ana Paula M.S; MAURO, Mirtes Zoé da Silva. *A influência virtual na linguagem formal do adolescente*. Disponível em:
<<http://www.cintedUFRGS.br/ciclo9/artigos/8elisangelapdf.com>>. Acesso em: 14-10-2010.

PÓVOA, José Liberato Costa. *O papel do professor e o desafio de educar na era digital*. Disponível em:
<[http://www.especializaçãoenovastecnologias.blogspot.com\(2010/06\)o-professor-e-o-desafio-de-educar-na.html](http://www.especializaçãoenovastecnologias.blogspot.com(2010/06)o-professor-e-o-desafio-de-educar-na.html)>. Acesso em: 20-09-2010.

QUINTELA, Maria Rita. *Língua portuguesa na internet*. Disponível em:
<http://www.abcniversitario.blogspot.com/2009/05/lingua-portuguesa-na-internet_02.html>. Acesso em: 15-10-2010.

SOARES, Magda Becker. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*.

São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Marcelo Alves da. *Língua portuguesa na internet: o caso das abreviações em salas de bate-papo, na internet, todas têm em comum o fato de envolverem a produção escrita.* Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ06_6.htm>. Acesso em: 16-04-2010.

SILVA, Simone Aparecida. *Informática na educação 2008.* Disponível em: <<http://www.eadste.forumeiros.com/textos-da-semana-de-23-a-29-06-f4/informatica-na-educacao-instrucionismo-x-construcionismo-jose-armando-valente-t8.html>>. Acesso em: 23-10-2010.

SOUZA, Mario Ângelo Tavares. *O computador e a educação.* Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/ocomputador-e-a-educacao-12459/artigos.com>>. Acesso em: 12-09-2010.

STORNO, Letícia Jovelina. *A escrita virtual influencia a escrita escolar?* Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/3cellianais/trabalhos/estudoslinguisticos/pfd-linguisticos/050pdf.com>>. Acesso em: 22-10-2010.

TEIXEIRA, Jerônimo. *A internet vai acabar com a língua portuguesa.* Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/arquivos/matte/iev.html>>. Acesso em: 10 out. 2010.

UONDERIAS, Barba. *Internet rapidez de informação ou uso errado da língua?* Disponível em: <<http://www.arteficio.com/blog/2008/07/18internet-rapidez-de-informacao-ou-uso-errado-da=lingua.com>>. Acesso em: 25-10-2010.